

**A VERDADE  
SOBRE O CASO  
HARRY  
QUEBERT**

“Dicker mantém uma prosa simples mas de ritmo intenso, numa trama cheia de reviravoltas.”

**KIRKUS REVIEWS**

“O burburinho nas redes sociais a respeito do livro antecipa um próximo fenômeno global.”

**PUBLISHING PERSPECTIVES**

“O best-seller fenomenal de Joël Dicker é uma história de mistério e assassinato brilhantemente intrincada, um hino para a imaginação ilimitada e uma história de amor como nenhuma outra.”

**THE GUARDIAN**

“*A verdade sobre o caso Harry Quebert*, do suíço Joël Dicker, de apenas 28 anos, é o livro mais inteligente e intrigante que você vai ler este ano. O romance francês mais comentado da década, com uma trama de tirar o fôlego e uma história viciante.”

**THE TELEGRAPH**

“Magistral.”

**EL CULTURAL DE EL MUNDO (ESPAÑA)**

“*A verdade sobre o caso Harry Quebert* desperta um poder de imaginação raro nos dias de hoje. Dicker escreveu um romance complexo e ambicioso, que alterna entre duas épocas, diferentes pontos de vista e múltiplas intrigas e personagens.”

**LE FIGARO**

“Talento para a narrativa consiste em dar vida a uma obra de arte. E Dicker é capaz disso.”

**VANITY FAIR (ITÁLIA)**

“Um livro dentro do livro, um romance policial e uma história de amor. Extraordinário.”

**COSMOPOLITAN (ALEMANHA)**

“Um *thriller* que lembra o melhor de Truman Capote.”

**PARIS-MATCH**

“Um golpe de mestre. Uma história de suspense cheia de ritmo, mudanças de curso e várias camadas que, como uma boneca russa, se encaixam perfeitamente. De forma extraordinária, Dicker alterna períodos e vozes (relatórios policiais, entrevistas, excertos de outros livros) e explora os Estados Unidos em todos os seus excessos — midiáticos, literários, religiosos —, enquanto questiona o que é ser um escritor.”

**L'EXPRESS (FRANÇA)**

“Um livro que será celebrado e estudado por futuros escritores. É um *thriller* exemplar.”

**EL PERIÓDICO DE CATALUNYA**

“O melhor livro do ano. Deixa os leitores entretidos, sobressaltados, desconcertados, e encantados enquanto tentam decifrar o mistério.”

**EL PAÍS**

“Você não vai conseguir parar até chegar à última página. Você será manipulado, desvirtuado, impressionado, irritado e cativado por uma história com inúmeras reviravoltas, pistas falsas e surpresas espetaculares.”

**LE JOURNAL DU DIMANCHE (FRANÇA)**

“Repleto de ação, drama psicológico e um suspense extraordinário.”

**NRC HANDELSBLAD (HOLANDA)**

“O livro de Joël Dicker é um labirinto aparentemente sem saída.”

**VOGUE (ITÁLIA)**

“Um livro divertido, inteligente e de tirar o fôlego. É uma alegria descobrir um romance tão extraordinário.”

**LIRE (FRANÇA)**

“Tem todos os ingredientes de um best-seller global.”

**DIE ZIET (SUIÇA)**

“Um livro que lembra o jornalismo investigativo de Truman Capote, as tramas de assassinato de Donna Tartt e o escandaloso romance de *Lolita*, de Nabokov.”

**NRC NEXT (HOLANDA)**

“Cativante e encantador. Uma verdadeira aventura literária”

**ALGEMEEN DAGBLAD (HOLANDA)**

Uma narrativa brilhante.”

**STERN (ALEMANHA)**

“Uma história construída com tanta inteligência e sutileza que é impossível não lamentar quando chega o fim. Um livro que abarca diferentes categorias: é um romance policial, uma história de amor, uma comédia de costumes, e também uma incisiva crítica à industrial editorial contemporânea.”

**ELSEVIER (HOLANDA)**

“Nunca me recomendaram tanto um livro. Continuei fascinado e intrigado, um magnetismo que persiste muito tempo depois de ter terminado de ler.”

**SERGI PÀMIES, LA VANGUARDIA (ESPANHA)**

“*A verdade sobre o caso Harry Quebert* é um *thriller* magistralmente construído.”

**LE MATIN (FRANÇA)**

“Com diálogos brilhantes, personagens cheios de vida e reviravoltas inesperadas, é um romance que não permite nem uma pausa para respirar. Todos esses elementos são perfeitamente entrelaçados para criar uma história irresistível, em que absolutamente nada é o que parece ser.”

**TROUW (HOLANDA)**

“‘Todo mundo falava do livro.’ Essa é a primeira frase do romance *A verdade sobre o caso Harry Quebert*. Uma profecia que se cumpriu, pois o livro de Joël Dicker já se transformou em um fenômeno mundial.”

**LE MONDE**



**JOËL DICKER**  
**A VERDADE**  
**SOBRE O CASO**  
**HARRY**  
**QUEBERT**

Tradução de André Telles

Copyright © Éditions de Fallois/L'Âge d'Homme, 2012

TÍTULO ORIGINAL

La vérité sur l'affaire Harry Quebert

PREPARAÇÃO

Clarissa Peixoto

REVISÃO

Milena Vargas

DIAGRAMAÇÃO

editoriarte

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

D545v

Dicker, Joël, 1975-

A verdade sobre o caso Harry Quebert / Joël Dicker ; tradução  
André Telles. — 1. ed. — Rio de Janeiro : Intrínseca, 2014.

576 p. ; 23 cm.

Tradução de: La vérité sur l'affaire Harry Quebert  
ISBN 978-85-8057-511-8

1. Romance suíço. I. Telles, André. II. Título.

14-10404

CDD: 848.9949403

CDU: 821.133.1(494)-3

[2014]

*Todos os direitos desta edição reservados à*

EDITORA INTRINSECA LTDA.

Rua Marquês de São Vicente, 99, 3º andar

22451-041 – Gávea

Rio de Janeiro – RJ

Tel./Fax: (21)3206-7400

www.intrinseca.com.br

*A meus pais*



# O dia do desaparecimento

(sábado, 30 de agosto de 1975)

— Central de polícia, como posso ajudar?

— Alô? Meu nome é Deborah Cooper, eu moro em Side Creek Lane. Acho que acabei de ver uma garota sendo perseguida por um homem na floresta.

— O que aconteceu exatamente?

— Não sei! Eu estava na janela, olhando para o bosque, e vi essa garota correndo por entre as árvores... Tinha um homem atrás dela... Acho que ela estava tentando fugir dele.

— Onde eles estão agora?

— Eu... eu não consigo mais ver. Estão na floresta.

— Estou enviando agora mesmo uma patrulha para o local, senhora.

Essa foi a ligação que deu início ao caso criminal que agitou a pequena cidade de Aurora, no estado de New Hampshire. Nesse dia, Nola Kellergan, uma adolescente de quinze anos que morava na região, desapareceu. Seu rastro nunca foi encontrado.



# PRÓLOGO

Outubro de 2008  
(Trinta e três anos após o desaparecimento)



Todo mundo falava do livro. Eu não conseguia mais andar em paz pelas ruas de Nova York, nem dar uma corridinha pelas aleias do Central Park, sem que os passantes me reconhecessem e exclamassem: “Ei, é o Goldman! É aquele escritor!” Havia inclusive quem arriscasse passos de corrida para me seguir em busca de respostas para as perguntas que os atormentavam: “O que você disse no seu livro é verdade? Harry Quebert fez mesmo aquilo?” No bar do West Village que eu frequentava, alguns fregueses não se constrangiam mais em se sentar à minha mesa para me questionar: “Estou lendo o seu livro, Sr. Goldman, e não consigo parar! O primeiro já era bom, mas este agora! É verdade que recebeu um milhão de dólares para escrevê-lo? Quantos anos o senhor tem? Só trinta? Trinta anos! E já com essa grana!” Até o porteiro do meu prédio, que eu via avançar na leitura a cada vez que eu entrava ou saía, acabou me acuando demoradamente em frente ao elevador, assim que terminou o livro, para externar sua indignação: “Ah, então foi isso que aconteceu com Nola Kellergan? Que horror! Mas como é que pode chegar a esse ponto? Hein, Sr. Goldman, como é possível uma coisa dessas?”

Nova York inteira estava apaixonada pelo meu livro; fazia duas semanas que ele tinha sido lançado e já prometia ser o mais vendido do ano em todo o continente americano. Todo mundo queria saber o que havia acontecido em Aurora em 1975. Não se falava em outra coisa: na televisão, no rádio e nos jornais. Eu tinha só trinta anos e, com esse livro, que era apenas o segundo da minha carreira, havia me tornado o escritor mais conhecido do país.

O caso que havia chocado os Estados Unidos, e do qual eu extraíra a essência de minha história, estourara alguns meses antes, no início do verão, quando os restos mortais de uma adolescente desaparecida há trinta e três anos foram encontrados. Assim se iniciaram os eventos ocorridos em New Hampshire que serão relatados aqui, e sem os quais a pequena cidade de Aurora certamente teria permanecido desconhecida para o restante do mundo.



# PRIMEIRA PARTE

A doença dos escritores  
(Oito meses antes da publicação do livro)



*Nos abismos da memória*

- O primeiro capítulo, Marcus, é essencial. Se os leitores não gostarem dele, não vão ler o resto do livro. Como pretende começar o seu?
- Não sei, Harry. Acha que um dia vou conseguir fazer isso?
- Isso o quê?
- Escrever um livro.
- Tenho certeza que sim.



No início de 2008, ou seja, um ano e meio após eu me tornar, graças a meu primeiro romance, a nova estrela da literatura americana, fui acometido pela terrível crise da página em branco, síndrome, ao que parece, não rara entre escritores que tiveram um sucesso meteórico e inesperado. A doença não viera de supetão: instalara-se em mim lentamente. Era como se meu cérebro tivesse congelado aos poucos. Quando os primeiros sintomas apareceram, não liguei para eles: pensei que a inspiração voltaria no dia seguinte, ou no outro, ou talvez três dias depois. No entanto, dias, semanas e meses haviam se passado, e nem sinal dela.

Minha descida ao inferno podia ser decomposta em três fases. A primeira, indispensável a toda queda vertiginosa digna desse nome, havia sido uma ascensão fulgurante: meu primeiro romance tinha vendido dois milhões de exemplares, propelindo-me, aos vinte e oito anos, ao patamar de escritor de sucesso. Era outono de 2006 e, em poucas semanas, me tornei uma celebridade: eu era visto em tudo que é lugar, na televisão, nos

jornais, nas capas das revistas. Meu rosto estava presente em imensos cartazes publicitários nas estações de metrô. Os críticos mais severos dos grandes jornais da Costa Leste eram unânimes: o jovem Marcus Goldman estava destinado a ser um grande escritor.

Um livro, somente um, e agora eu via serem abertas as portas de uma nova vida. Me mudei da casa dos meus pais em Newark para um apartamento chique do Village, troquei meu Ford de terceira mão por um Range Rover novinho em folha com vidros fumê, passei a frequentar restaurantes caros e contratei os serviços de um agente literário, que administrava meu tempo e ia à minha casa nova assistir a jogos de beisebol numa tela gigante. Aluguei um escritório a dois passos do Central Park, no qual uma secretária ligeiramente apaixonada por mim, Denise, separava minha correspondência, preparava o café e arquivava documentos importantes.

Durante os seis primeiros meses que sucederam o lançamento do livro, me contentei em aproveitar as delícias de minha nova existência. Pela manhã, ia ao escritório dar uma olhada nas matérias que haviam saído a meu respeito e ler as dezenas de cartas de fãs que chegavam diariamente, as quais eram, em seguida, organizadas por Denise em grandes arquivos. Então, satisfeito comigo mesmo e julgando ter trabalhado o suficiente, perambulava pelas ruas de Manhattan, causando um burburinho entre os transeuntes ao passar. Dedicava o restante do dia a usufruir dos novos direitos que ser uma celebridade me outorgava: o direito de comprar tudo que me desse na telha, o direito de acesso aos camarotes VIP do Madison Square Garden para acompanhar os jogos dos Rangers, o direito de caminhar pelos tapetes vermelhos ao lado de astros da música, de quem, quando eu era mais jovem, comprara todos os discos, o direito de sair com Lydia Gloor, atriz principal da série de televisão do momento e disputada por meio mundo. Eu era um escritor famoso; tinha a impressão de exercer a profissão mais bonita que existe. E, certo de que meu sucesso duraria para sempre, não me preocupei com as primeiras advertências do meu agente e do meu editor, que me intimavam a voltar ao trabalho e começar a escrever meu segundo romance.

Foi ao longo dos seis meses seguintes que compreendi que o vento estava mudando: as cartas de admiradores começaram a rarear e eu era abordado na rua com menos frequência. Os leitores que ainda me reconheciam logo passaram a perguntar: “Sobre o que é seu próximo livro, Sr. Goldman? E quando vai ser lançado?” Entendi que devia me concentrar e foi o que fiz:

anotei algumas ideias em folhas avulsas e esbocei sinopses no computador. Nada, porém, que prestasse. Tive então outras ideias e rascunhei mais algumas sinopses. Igualmente sem sucesso. Por fim, acabei comprando um laptop novo, na esperança de que já viesse com boas ideias e excelentes sinopses. Mas foi em vão. Tentei então mudar de método: fiz Denise ficar até tarde da noite anotando o que eu ditava e julgava serem frases impactantes, palavras precisas e inícios excepcionais de um romance. Contudo, no dia seguinte, as palavras me pareciam insípidas, as frases banais e meus começos, derrotas. Eu estava entrando na segunda fase da minha doença.

No outono de 2007, fazia um ano que meu primeiro livro fora lançado e eu ainda não havia escrito uma única linha do seguinte. Quando não tinha mais cartas para arquivar e deixei de ser reconhecido em locais públicos, quando os cartazes com fotos minhas desapareceram das grandes livrarias da Broadway, compreendi que a glória era efêmera. Era uma górgona faminta, e aqueles que não a alimentavam acabavam sendo rapidamente substituídos: os políticos do momento, a subcelebridade do último *reality show* que passou na televisão e a banda de rock que acabava de estourar haviam roubado para si a atenção antes direcionada a mim. Não haviam passado, entretanto, mais do que doze reles meses desde meu livro: um lapso de tempo ridiculamente curto, a meu ver, mas que, na escala humana, correspondia a uma eternidade. Durante esse mesmo ano, só nos Estados Unidos, um milhão de crianças havia nascido, um milhão de pessoas, morrido, uns dez mil levaram um tiro, meio milhão se envolvera com drogas, um milhão se tornara milionário, dezessete milhões haviam trocado de celular, cinquenta mil haviam morrido num acidente de carro e, nas mesmas circunstâncias, dois milhões se feriram com maior ou menor gravidade. Quanto a mim, havia escrito um único livro.

A Schmid & Hanson, poderosa editora nova-iorquina que me oferecera uma bela quantia para publicar meu primeiro romance e depositara grandes esperanças em mim, assediava meu agente, Douglas Claren, que, por sua vez, me pressionava. Ele dizia que o tempo estava se esgotando, que eu precisava apresentar um novo original de qualquer maneira, e eu me esforçava para tranquilizá-lo — querendo, na verdade, tranquilizar a mim mesmo —, assegurando-lhe que meu segundo romance estava indo de vento em popa e que ele não tinha motivo para se preocupar. Contudo, a despeito das horas que eu passava trancado no escritório, minhas páginas continuavam em branco: a inspiração fugira sem fazer alarde e eu não conseguia

mais encontrá-la. E, à noite, na cama, incapaz de pegar no sono, eu pensava que em breve, e antes de completar trinta anos, o grande Marcus Goldman já não existiria mais. Esse pensamento me assustou de tal forma que decidi tirar umas férias para espairecer. Me dei de presente um mês num hotel de luxo em Miami, em teoria para recarregar as baterias, intimamente persuadido de que relaxar à sombra de palmeiras me permitiria recobrar o pleno uso de meu gênio criativo. Porém, era evidente que a Flórida não passava de uma tentativa de fuga e, dois mil anos antes de mim, o filósofo Sêneca já deparara com o mesmo impasse — não importa para onde você fuja, seus problemas esgueiram-se para dentro de suas malas e o seguem aonde quer que você vá. Era como se, mal eu tivesse chegado a Miami, um gentil carregador cubano tivesse corrido atrás de mim na saída do aeroporto e me interpelado:

— O senhor é o Sr. Goldman?

— Sou.

— Então isso é do senhor.

Ele teria me estendido um envelope contendo um maço de folhas de papel.

— São minhas páginas em branco?

— Sim, Sr. Goldman. O senhor não achou que ia sair de Nova York sem elas, não é?

Assim, passei aquele mês na Flórida sozinho, trancado numa suíte com meus demônios, me sentindo miserável e despeitado. No laptop, ligado dia e noite, o documento que eu intitulara *novoromance.doc* permanecia desesperadamente virgem. Na noite em que ofereci uma margarita ao pianista do bar do hotel, percebi que havia contraído uma doença muito comum no meio artístico. No balcão, ele me contou que, durante toda sua vida, escreveu uma única canção, mas que essa canção havia sido um hit tremendo. O sucesso foi tão grande que ele nunca mais conseguiu escrever nada e, agora, arruinado e infeliz, sobrevivia tocando as músicas dos outros para os hóspedes dos hotéis.

— Na época, fiz turnês nos maiores salões do país — ele me contou, agarrando o colarinho da minha camisa. — Dez mil pessoas berrando meu nome, gatinhas se derretendo enquanto outras jogavam calcinhas para mim. Não era pouca coisa. — E, após ter lambido feito um cachorrinho o sal em torno do copo, acrescentou: — Juro que é verdade.

O pior, justamente, é que eu sabia que era mesmo.

A terceira fase do meu infortúnio começou assim que retornei a Nova York. No avião em que voltei de Miami, li uma matéria sobre um jovem autor que acabava de lançar um romance incensado pela crítica e, quando cheguei ao aeroporto de LaGuardia, deparei com seu rosto em grandes cartazes no saguão das esteiras de bagagens. A vida me afrontava: não apenas tinham me esquecido, como, pior ainda, estavam me substituindo. Douglas, que foi me buscar no aeroporto, estava nervosíssimo: a Schmid & Hanson, já sem a menor paciência, queria uma prova de que eu estava avançando e de que logo estaria em condições de apresentar um novo original finalizado.

— A situação está preta. — Essa foi sua primeira frase dentro do carro que nos levava de volta para Manhattan. — Diga que a Flórida o revigorou e que conseguiu adiantar bastante o livro! Surgiu esse cara agora de quem todo mundo está falando... O livro dele será o grande best-seller do Natal. E você, Marcus? O que tem para o Natal?

— Vou botar a mão na massa! — prometi, em pânico. — Vou conseguir! Faremos uma grande campanha de marketing e vai dar tudo certo! As pessoas gostaram do meu primeiro livro, vão gostar do próximo!

— Você não está entendendo, Marc. Poderíamos ter feito isso alguns meses atrás. Era essa a estratégia: surfar na onda do seu sucesso, alimentar o público, dar o que ele pedia. O público queria Marcus Goldman, só que, como Marcus Goldman foi relaxar na Flórida, os leitores compraram o livro de um outro sujeito qualquer. Você estudou um pouco de economia, Marc? Os livros viraram um produto supérfluo. As pessoas querem um livro que as agrade, relaxe e divirta. E se não for você a lhes dar um livro assim, alguém dará, e você acaba indo parar na lata de lixo.

Apavorado com as profecias de Douglas, pus-me a trabalhar feito um louco: começava a escrever às seis da manhã, nunca parava antes das nove ou dez da noite. Passava dias inteiros confinado no escritório, escrevendo sem trégua, sendo arrastado pelo frenesi do desespero, esboçando palavras, alinhavando frases e multiplicando as ideias para o romance. Porém, para minha grande lástima, não produzia nada de aproveitável. Denise, por sua vez, passava os dias se descabelando com a minha situação. Como não tinha mais o que fazer — ditados a anotar, correspondência a arquivar, café a preparar —, ela andava de uma ponta a outra do corredor. E, quando não se aguentava mais, ia bater à porta.

— Estou implorando, Marcus, abra para mim! — gemia ela. — Saia desse escritório, vá dar um passeio no parque. Você não comeu nada hoje!

Eu respondia gritando:

— Não estou com fome! Não estou com fome! Sem livro não como!

Ela quase soluçava.

— Não diga barbaridades, Marcus. Vou à *delicatessen* da esquina buscar um sanduíche de rosbife, seu preferido. Já volto! Já volto!

Eu a ouvia pegar a bolsa e correr para a porta de entrada antes de se lançar pelas escadas, como se aquela pressa fosse mudar alguma coisa na minha situação. Mas eu finalmente tinha entendido o alcance do mal que me acometia: escrever um livro partindo do zero me parecia muito fácil. Agora, porém, que eu estava no auge, agora que precisava assumir meu talento e repetir a marcha exaustiva rumo ao sucesso, o qual consiste em escrever um bom romance, eu me sentia impotente. Estava acometido pela doença dos escritores e não havia ninguém que pudesse me ajudar. Aqueles com quem eu falava replicavam que não era nada, que seguramente era muito comum e que, se eu não escrevesse meu livro hoje, o faria amanhã. Tentei, durante dois dias, trabalhar no meu antigo quarto, na casa dos meus pais, em Newark, no mesmo lugar em que encontrara inspiração para meu primeiro livro. Mas essa tentativa resultou num fracasso lamentável, ao qual minha mãe talvez não fosse alheia, em especial por ter passado esses dois dias sentada a meu lado, esquadrinhando a tela do meu laptop e repetindo para mim: “Está ótimo, Markie.”

— Não escrevi uma linha, mãe — falei, por fim.

— Mas sinto que vai ficar ótimo.

— Mãe, se você me deixasse sozinho...

— Por que sozinho? Está com dor de barriga? Quer peidar? Pode peidar comigo aqui, querido. Sou sua mãe.

— Não, não quero peidar, mãe.

— Está com fome, então? Quer um crepe? Waffles? Alguma coisa salgada? Ovos, talvez?

— Não, estou sem fome.

— Então por que eu preciso sair? Está querendo dizer que a presença da mulher que lhe deu a vida o incomoda?

— Não, não incomoda, mas...

— Mas o quê?

— Nada, mãe.

— Você precisa de uma namorada, Markie. Acha que não sei que terminou com aquela atriz da televisão? Como era mesmo o nome dela?

— Lydia Gloor. De toda forma, não tínhamos um relacionamento sério, mãe. Quer dizer: nós só ficamos.

— *Só ficamos, só ficamos!* É isso que os jovens fazem agora: *ficam* e, aos cinquenta anos, estão carecas e sem família!

— Que relação isso tem com ficar careca, mãe?

— Nenhuma. Mas você acha normal que eu fique sabendo por uma revista que você está com essa garota? Que filho faz isso com a mãe, hein? Imagine que um pouco antes de você viajar para a Flórida eu chego no Scheingetz, o cabeleireiro, não o açougueiro, e todo mundo me olha com uma cara estranha. Pergunto o que aconteceu, e eis que a Sra. Berg, debaixo daquele capacete de permanente, aponta para a revista que está lendo e então vejo uma foto sua e dessa Lydia Gloor, na rua, juntos, e a manchete da reportagem dizendo que vocês se separaram. Todo o salão sabia que vocês tinham terminado, sendo que eu não sabia nem que você estava saindo com ela! É claro que eu não queria passar por idiota e disse que ela era uma garota encantadora e que vocês jantaram diversas vezes aqui em casa.

— Mãe, eu não contei para você porque não era sério. Não era a garota certa, sabe.

— Mas nunca é a garota certa! Você não conhece uma única garota certa, Markie! Esse é o problema. Acha que atrizes de televisão podem administrar um lar? Sabia que encontrei a Sra. Emerson ontem no supermercado e que a filha dela também está solteira? Seria perfeita para você. Além disso, ela tem dentes lindos. Quer que eu peça a ela para dar uma passada aqui?

— Não, mãe. Estou tentando trabalhar.

Nesse instante, a campainha tocou.

— Acho que são elas — disse minha mãe.

— Como assim, *são elas*?

— A Sra. Emerson e a filha dela. Convidei-as para tomar um chá às quatro. São quatro em ponto. Pontualidade é algo importante numa mulher. Já não adora ela?

— Você as convidou para tomar chá? Suma com elas daqui, mãe! Não quero vê-las! Tenho um livro para escrever, caramba! Não estou aqui para brincar de casinha, tenho que escrever um romance!

— Ah, Markie, você precisa mesmo é de uma namoradinha. Uma namorada para noivar e casar. Você pensa demais nos livros e pouco em casamento...

Ninguém percebia o cerne da questão: eu precisava desesperadamente de um livro novo, nem que fosse só para cumprir com as cláusulas do contrato que eu assinara com a editora. Em meados de janeiro de 2008, Roy Barnaski, o poderoso diretor da Schmid & Hanson, convocou-me a seu escritório, no quinquagésimo primeiro andar de um arranha-céu na Lafayette Street, para uma séria admoestação:

— E então, Goldman, quando terei o seu novo original? — ladrou ele. — Nosso contrato contempla cinco livros: precisa pôr mãos à obra, e rápido! Queremos resultado, queremos números! Você não está cumprindo os prazos! Está atrasado em tudo! Viu esse cara que lançou um livro qualquer antes do Natal? Ele tomou o seu lugar com o público! O agente dele disse que o próximo romance já está praticamente pronto. E você? Está nos fazendo perder dinheiro! Então mexa-se e tome as rédeas da situação. Surpreenda-nos, escreva um bom livro e salve sua pele. Vou lhe dar seis meses: espero até junho.

Eu tinha seis meses para escrever um livro quando estava travado fazia quase um ano e meio. Era impossível. Pior ainda foi que Barnaski, ao me impor aquele prazo, não me informara das consequências às quais eu me expunha caso não obedecesse. Foi Douglas quem se encarregou disso, duas semanas mais tarde, durante nossa enésima conversa em meu apartamento. Ele me disse:

— Você vai ter que escrever, meu velho, não pode mais enrolar. Você assinou para cinco livros! Cinco livros! Barnaski está furioso, perdeu a paciência... Ele comentou comigo que esticou o prazo até junho. E sabe o que vai acontecer se você furar? Eles vão romper o contrato, entrar com um processo e sugá-lo até a medula! Vão pegar toda a sua grana e você vai ter que abandonar sua vida mansa, seu belo apartamento, seus sapatos italianos, seu carrão esportivo. Vai ficar sem nada. Vão lhe tirar tudo.

Se um ano antes eu era a nova estrela da literatura americana, agora eu me tornara o grande desespero, o grande transtorno do mundo editorial. Lição número dois: além de ser efêmera, a glória não vem sem consequências. Na noite seguinte à advertência de Douglas, peguei o telefone e digitei o número da única pessoa que eu julgava capaz de me tirar daquela dificuldade: Harry Quebert, que foi meu professor na faculdade e, acima de tudo, é um dos autores mais lidos e respeitados dos Estados Unidos, com quem eu tinha uma forte ligação havia dez anos, desde que fora seu aluno na Universidade de Burrows, em Massachusetts.

Fazia mais de um ano que eu não o via e quase o mesmo tempo que não lhe telefonava. Liguei para sua casa, em Aurora, no estado de New Hampshire. Ao ouvir minha voz, ele gracejou:

— Ah, Marcus! É você mesmo quem está ligando? Inacreditável. Desde que virou celebridade não me dá notícias. Tentei telefonar mês passado, mas uma secretária atendeu e falou que você não estava para ninguém.

Respondi bruscamente:

— As coisas vão mal, Harry. Acho que não sou mais escritor.

Ele ficou sério:

— Do que está falando, Marcus?

— Não sei o que escrever, estou acabado. Totalmente travado. Faz meses. Talvez um ano.

Ele desatou numa risada tranquilizadora e calorosa.

— É só uma estafa mental, Marcus, só isso! Bloqueios criativos são algo tão irracional quanto broxar: é o pânico do gênio, o mesmo que deixa seu pauzinho mole quando você está se preparando para transar com uma de suas fãs e só pensa em lhe proporcionar um orgasmo que pode ser medido pela escala Richter. Não se preocupe com o talento, limite-se a alinhar um conjunto de palavras. O talento vem naturalmente.

— Você acha?

— Tenho certeza. Mas você devia deixar um pouco de lado as noitadas e os drinques. Escrever é coisa séria. Achei que tinha conseguido enfiar isso na sua cabeça.

— Mas estou trabalhando duro! É a única coisa que faço! E, mesmo assim, não sai nada.

— Então é porque está lhe faltando o cenário apropriado. Nova York é uma cidade bem bonita, mas acima de tudo é muito barulhenta. Por que não vem para cá, para minha casa, como fazia quando era meu aluno?

Sair de Nova York, mudar de ares. Nunca um convite ao exílio me pareceu tão sensato. Ir encontrar a inspiração de um novo livro numa pequena cidade litorânea em companhia do meu mentor: era exatamente disso que eu precisava. Foi assim que, uma semana depois, em meados de fevereiro de 2008, fui me instalar em Aurora, New Hampshire. Isso foi alguns meses antes dos acontecimentos dramáticos que me preparo para contar aqui.

\* \* \*

Antes do episódio que agitou os Estados Unidos no verão de 2008, ninguém nunca tinha ouvido falar em Aurora, que é uma cidadezinha à beira-mar, a cerca de uma hora de carro da fronteira com o estado de Massachusetts. Há um cinema na rua principal — cuja programação está constantemente atrasada em relação ao restante dos Estados Unidos —, algumas lojas, uma agência dos correios, um posto policial e meia dúzia de restaurantes, entre eles o Clark's, o *diner* histórico da cidade. O entorno é formado por bairros pacatos, com casas de madeira coloridas e varandas encimadas por telhados de ardósia e rodeadas por jardins com gramados impecáveis. Uma espécie de arquétipo dos Estados Unidos. Um desses lugares que só existe na Nova Inglaterra, onde os moradores não trancam a porta de casa, tão sossegado que o consideramos ao abrigo de tudo.

Eu conhecia bem Aurora por já ter ido lá diversas vezes visitar Harry quando era seu aluno. Ele morava numa esplêndida casa de pedra e pinho maciço, que ficava fora da cidade, na estrada em direção a Vermont, e com vista para um braço de mar consignado nos mapas com o nome de Goose Cove. Era uma casa de escritor debruçada sobre o oceano, com uma varanda para os dias bonitos da qual uma escada dava acesso direto à praia. Os arredores eram apenas uma quietude selvagem: a mata costeira, os aglomerados de seixos e pedras gigantes, os bosques úmidos com touceiras e musgos, algumas trilhas de caminhada margeando a praia. Daria para acreditar que estávamos no fim do mundo se não soubéssemos que ficava a apenas poucos quilômetros da civilização. E não era difícil imaginar o velho autor produzindo suas obras-primas na varanda, inspirado pelas marés e pelos poentes.

Em 10 de fevereiro de 2008, nas profundezas de meu bloqueio criativo, deixei Nova York. Os Estados Unidos, por sua vez, já fervilhavam com as primárias das eleições presidenciais: alguns dias antes, a Super Tuesday (que caíra excepcionalmente em fevereiro e não em março, prova de que aquele seria um ano fora do comum) oficializara a candidatura republicana do senador McCain, enquanto entre os democratas a batalha entre Hillary Clinton e Barack Obama ainda se desenrolava. Percorri o trajeto de carro até Aurora num estirão só. Havia nevado muito no inverno e as paisagens à minha volta estavam saturadas de branco. Eu gostava de New Hampshire: da tranquilidade, das imensas florestas, dos lagos cobertos de ninfeias nos quais era possível nadar no verão e patinar no inverno, gostava de pensar que lá não se pagavam taxas nem imposto de renda. Achava que aquele era

um estado libertário, e sua divisa *VIVER LIVRE OU MORRER*, cunhada nas placas dos carros que me ultrapassavam na autoestrada, resumia perfeitamente a poderosa sensação de liberdade que me impregnava todas as vezes que ia a Aurora. A propósito, eu me lembro de que, quando cheguei à casa de Harry naquele dia, no meio de uma tarde tão fria e enevoadada, tive imediatamente uma sensação de paz interior. Ele me esperava no portão, agasalhado num casacão de inverno. Saí do carro, ele veio a meu encontro, colocou as mãos em meus ombros e me ofereceu um sorriso reconfortante.

— O que há com você, Marcus?

— Não sei, Harry...

— Vamos, vamos. Você sempre foi um rapaz muito sensível.

Antes mesmo que eu desfizesse a mala, fomos para a sala conversar um pouco. Ele serviu café. Na lareira, o fogo crepitava; o interior estava aconchegante, enquanto, pela ampla sacada envidraçada, eu via o oceano atormentado pelos ventos gelados e a neve úmida caindo nos rochedos.

— Tinha esquecido como aqui é bonito — murmurei.

Ele aquiesceu.

— Você vai ver, meu querido Marcus, vou cuidar de você. Você vai escrever um romance maravilhoso. Não fique cabisbaixo, todos os bons escritores passam por um momento difícil como esse.

Ele estava com aquele ar sereno e confiante de sempre. Era um homem que eu nunca vira vacilar: carismático, seguro, cuja presença emanava uma autoridade natural. Estava com sessenta e sete anos e tinha uma bela aparência, com sua grande cabeleira grisalha sempre penteada, ombros largos e um corpo robusto que comprovava a longa prática do boxe. Era um pugilista, e havia sido justamente por intermédio desse esporte, que eu mesmo praticava com certa frequência, que havíamos nos aproximado na Universidade de Burrows.

Os laços que me uniam a Harry, e aos quais voltarei mais adiante nesta história, eram fortes. Ele entrara em minha vida no ano de 1998, quando ingressei na Universidade de Burrows, em Massachusetts. Na época, eu tinha vinte anos e ele, cinquenta e sete. Fazia aproximadamente quinze anos que ele dirigia com sucesso o departamento de Literatura da modesta universidade rural, de atmosfera serena e frequentada por estudantes simpáticos e educados. Antes disso, como todo mundo, eu conhecia O Grande Escritor Harry Quebert de nome. Em Burrows, conheci simplesmente Harry, aquele que, a despeito de nossa diferença de idade, acabaria se tor-

nando um de meus amigos mais próximos e me ensinaria a ser um escritor. Ele conhecera a consagração em meados dos anos 1970, quando seu segundo livro, *As origens do mal*, que vendera quinze milhões de exemplares, recebera o Booker Prize e o National Book Award, os dois prêmios literários mais prestigiosos do país. Desde então, publicava com certa regularidade e escrevia uma crônica mensal bastante popular no *Boston Globe*. Era uma das grandes figuras da *intelligentsia* norte-americana: dava inúmeras conferências, era frequentemente solicitado para eventos culturais importantes; sua opinião sobre as questões políticas tinha peso. Era um homem muito respeitado, um dos orgulhos do país, o que os Estados Unidos podiam produzir de melhor. Quando fui passar algumas semanas em sua casa, eu esperava voltar a ser um escritor e aprender como transpor o abismo da página em branco. Fui, contudo, obrigado a constatar que, embora decerto Harry julgasse minha situação difícil, nem por isso a considerava anormal.

— Os escritores às vezes têm brancos e isso faz parte dos riscos da profissão — ele me explicou. — Comece a trabalhar e verá: vai desbloquear por si só.

Harry me instalou em seu escritório do térreo, onde ele mesmo escrevera todos os seus livros, inclusive *As origens do mal*. Ali passei longas horas tentando escrever, embora ficasse acima de tudo absorto pelo mar e pela neve que caía do outro lado da janela. Quando Harry me trazia um café ou alguma coisa para comer, observava minha expressão de desespero e tentava levantar meu moral. Certa manhã, acabou me dizendo:

— Não faça essa cara, Marcus, parece até que vai morrer.

— É quase isso...

— Vamos, preocupe-se com a situação do mundo, com a guerra no Iraque, não com míseros alfarrábios... É cedo demais para isso. Você me dá pena, fique sabendo: arma um escarcéu porque pelega para voltar a escrever três linhas. Melhor encarar as coisas de frente: você escreveu um livro formidável, ficou rico e famoso e o seu segundo livro está enfrentando dificuldade para sair da sua cabeça. Não há nada de estranho ou de preocupante nisso.

— E você? Nunca teve esse problema?

Ele deu uma risada barulhenta.

— Bloqueio criativo? Está brincando? Bem mais do que pode imaginar, meu amigo!

— Meu editor falou que, se eu não entregar um livro novo agora, será o meu fim.

— Sabe o que é um editor? É um escritor frustrado que tem um papai com grana suficiente para poder se apropriar do talento dos outros. Você verá, Marcus, tudo vai entrar nos eixos muito em breve. Tem uma carreira fantástica pela frente. Seu primeiro livro foi notável e o segundo será ainda melhor. Não se preocupe, vou ajudá-lo a reencontrar a inspiração.

Não posso dizer que meu retiro em Aurora tenha me devolvido a inspiração, mas é inegável que me fez bem. E, pelo que eu sabia, Harry sentia-se muitas vezes sozinho, também: era um homem sem família e sem muitas distrações. Foram dias felizes. Na realidade, foram nossos últimos dias felizes juntos. Nesse período, fizemos longos passeios à beira-mar, escutamos os grandes clássicos da ópera, percorremos pistas de esqui, eventos culturais locais, e fizemos incursões nos supermercados da região à procura de salsichinhas aperitivas vendidas em prol dos veteranos do exército americano (Harry era louco por elas e considerava que eram motivo suficiente para justificar a intervenção no Iraque). Também costumávamos almoçar no Clark's, passar tardes inteiras tomando café e discorrendo sobre a vida, como fazíamos na época que eu era seu aluno. Todo mundo em Aurora conhecia e respeitava Harry e, com o tempo, todo mundo passou a me conhecer também.

As duas pessoas com quem eu tinha mais afinidade eram Jenny Dawn, a dona do Clark's, e Erne Pinkas, bibliotecário municipal voluntário, que era muito próximo de Harry e às vezes passava em Goose Cove no fim do dia para tomar um copo de *scotch*. Eu mesmo ia todas as manhãs à biblioteca ler o *The New York Times*. No primeiro dia, notei que Erne Pinkas colocara um exemplar do meu livro num mostruário bem à vista. Apontara para ele com orgulho e dissera:

— Está vendo, Marcus? Seu livro está na área nobre! Foi o livro que mais pegaram no ano passado. Para quando é o próximo?

— Para falar a verdade, estou com certa dificuldade para começar. É por isso que estou aqui.

— Não se preocupe. Vai ter uma ideia genial, tenho certeza. Alguma coisa irresistível.

— Tipo o quê?

— Não faço ideia, o escritor é você. Mas é preciso encontrar um assunto que apaixone as massas.

No Clark's, Harry ocupava a mesma mesa havia mais de trinta anos, a número dezessete, sobre a qual Jenny mandara aparafusar uma placa de metal com os seguintes dizeres:

FOI NESTA MESA QUE, DURANTE O VERÃO DE 1975,  
O ESCRITOR HARRY QUEBERT ESCREVEU SEU CÉLEBRE ROMANCE  
“AS ORIGENS DO MAL”

Embora eu conhecesse essa placa desde sempre, nunca havia prestado muita atenção a ela. Foi só ao longo dessa temporada que passei a me interessar mais detidamente, examinando-a com vagar. Aquela série de palavras gravadas no metal logo me deixou obcecado: sentado àquela mísera mesa de madeira grudenta de gordura e xarope de bordo, naquele *diner* de uma cidadezinha de New Hampshire, Harry escrevera sua imensa obra-prima, aquela que o transformara numa lenda da literatura. Como foi que ele teve tamanha inspiração? Também queria me sentar à mesma mesa, escrever e ser fustigado pelo gênio. Cheguei a me acomodar nela, munido de papel e canetas, por duas tardes consecutivas. Só que não tive sucesso. Acabei perguntando a Jenny:

— Então era só isso, ele se sentava aqui e escrevia?

Ela concordou com a cabeça:

— O dia inteiro, Marcus. Todo santo dia. Nunca parava. Foi no verão de 1975, lembro direitinho.

— E quantos anos ele tinha em 1975?

— A sua idade. Trinta anos, mais ou menos. Talvez fosse um pouco mais velho.

Eu sentia uma espécie de furor efervescer dentro de mim: também queria escrever uma obra-prima, também queria escrever um livro que se tornasse uma referência. Harry deu-se conta disso quando percebeu que, após quase um mês de estadia em Aurora, eu ainda não conseguia escrever nem uma linha sequer. A cena aconteceu no início de março, no escritório de Goose Cove. Eu esperava a Iluminação divina quando ele entrou, com um avental feminino amarrado na cintura, para me oferecer umas rosquinhas que tinha acabado de fritar.

— E então, conseguiu avançar?

— Escrevi um negócio grandioso — respondi, estendendo-lhe o maço de folhas de papel que o carregador cubano recuperara para mim três meses antes.

Ele pousou sua bandeja e correu para examiná-las antes de compreender que não passavam de folhas em branco.

— Não escreveu nada? Faz três semanas que está aí e não escreveu nada?

Exaltei-me:

— Nada! Nada! Nada que preste! Só consegui pensar em romances ruins!

— Mas, porra, Marcus, o que pretende escrever se não um romance?

Respondi sem sequer refletir:

— Uma obra-prima! Quero escrever uma obra-prima!

— Uma obra-prima?

— É. Quero escrever um grande romance, com grandes ideias! Quero escrever um livro que marque época.

Harry me contemplou por um instante e caiu na risada:

— Sua ambição desmedida enche o saco, Marcus. E não é de hoje que lhe digo isso. Você vai ser um grande escritor, eu sei, estou convencido disso desde que o conheci. Mas, sabe qual é o seu problema? Você é muito apressado! Quantos anos tem exatamente?

— Trinta.

— Trinta anos! E já quer ser uma espécie de cruzamento entre Saul Bellow e Arthur Miller? A glória virá, não se afobe. Eu mesmo tenho sessenta e sete anos e estou apavorado: o tempo passa rápido demais, sabe, e todo ano que termina é um ano a menos que não posso mais recuperar. O que estava pensando, Marcus? Que ia parar sem mais nem menos um segundo livro? Uma carreira precisa ser construída, meu velho. Quanto a escrever um grande romance, não há necessidade de grandes ideias: limite-se a ser você mesmo e certamente chegará lá, não tenho dúvida quanto a isso. Ensino literatura há vinte e cinco anos, vinte e cinco longos anos, e você é a pessoa mais brilhante que já conheci.

— Obrigado.

— Não me agradeça, é a pura verdade. Mas não venha resmungar aqui feito uma gralha porque ainda não ganhou o prêmio Nobel, pelo amor de Deus... Trinta anos... Olhe, vou lhe dizer o que penso dos grandes romances... Prêmio Nobel da Estupidez é o que você merece.

— Mas como foi que você fez, Harry? Seu livro, *As origens do mal*. É uma obra-prima! E era apenas o seu segundo livro... Como foi que você fez? Como se escreve uma obra-prima?

Harry abriu um sorriso triste:

— Marcus: obras-primas não se escrevem. Elas existem por si mesmas. E, além disso, se quer mesmo saber, para muita gente é simplesmente o único livro que escrevi... Quer dizer, nenhum dos outros que o sucederam fizeram o mesmo sucesso. Quando falam de mim, pensam na mesma hora e quase exclusivamente em *As origens do mal*. E isso é triste, porque acho que se aos trinta anos me falassem que eu atingira o ápice da minha carreira, com certeza eu teria me jogado no mar. Não tenha tanta pressa.

— Você se arrepende desse livro?

— Talvez... Um pouco... Não sei... Não gosto muito do conceito de arrependimento: ele significa que não assumimos o que fomos.

— Mas então o que devo fazer?

— O que sempre fez de melhor: escrever. E, se me permite um conselho, Marcus, não faça como eu. Somos muito parecidos, você sabe, então o estou intimando a não repetir os erros que cometi.

— Que erros?

— Eu também, no verão em que cheguei aqui, em 1975, queria escrever um grande romance de qualquer maneira, estava obcecado com essa ideia e com vontade de me tornar um grande escritor.

— E conseguiu...

— Você não entende: claro que hoje sou um *grande escritor* como você diz, mas vivo sozinho nesta casa imensa. Minha vida é vazia, Marcus. Não faça como eu. Não se deixe levar pela ambição. Caso contrário, seu coração ficará sozinho e sua chama, apagada. Por que você não tem uma namorada?

— Não tenho namorada porque não encontro ninguém que me agrade de verdade.

— Acho que o problema é que você trepa da mesma forma que escreve: o êxtase ou nada. Encontre uma moça decente e dê a ela uma chance. Faça a mesma coisa com seu livro: dê uma chance a si mesmo também. Dê uma chance à sua vida! Sabe qual é minha principal ocupação? Alimentar as gaivotas. Junto pão dormido naquela lata com os dizeres *LEMBRANÇA DE ROCKLAND, MAINE*, que fica na cozinha, e jogo para as gaivotas. Não se deve escrever o tempo todo...

Apesar dos conselhos de Harry, eu continuava aturdido: como ele próprio, na minha idade, tivera o clique, aquele momento de gênio que

lhe permitira escrever *As origens do mal*? Essa pergunta foi me deixando cada vez mais obcecado, e, como Harry me instalara em seu escritório, autorizei-me a bisbilhotar um pouco. Nem podia imaginar o que iria acabar descobrindo. Tudo começou quando abri uma gaveta à procura de uma caneta e deparei com um caderno e algumas folhas avulsas: os originais de Harry. Fiquei animadíssimo: era a oportunidade de entender como Harry trabalhava, saber se suas anotações estavam cobertas de rasuras ou se o gênio lhe advinha naturalmente. Insaciável, comecei a explorar sua biblioteca em busca de outros papéis, na esperança de encontrar o manuscrito de *As origens do mal*. Para ter o terreno livre, eu precisava esperar Harry sair de casa; ora, era às quintas-feiras que ele dava aula em Burrows, saindo cedo pela manhã e só retornando, geralmente, no final do dia. Foi assim que, na tarde da quinta-feira, 6 de março de 2008, ocorreu um incidente que decidi esquecer na mesma hora: descobri que Harry mantivera um caso com uma garota de quinze anos quando ele tinha trinta e quatro. Isso acontecera por volta de 1975.

Desvendei seu segredo quando, vasculhando freneticamente e sem cerimônia as prateleiras de seu escritório, encontrei, escondida atrás dos livros, uma grande caixa de madeira laqueada, fechada por uma tampa com dobradiças. Senti que ali poderia estar meu Santo Graal, o original de *As origens do mal*. Peguei a caixa e a abri, mas, para minha grande decepção, não havia original algum lá dentro: apenas um monte de fotografias e artigos de jornal. As fotos mostravam Harry ainda jovem — trinta e poucos anos, esbelto, elegante, ativo — e, a seu lado, uma adolescente. Havia quatro ou cinco fotos e ela aparecia em todas. Numa delas, Harry estava numa praia, com o torso nu, bronzeado e musculoso, puxando para si aquela adolescente risonha, com os óculos escuros enfiados no longo cabelo louro para prendê-lo, beijando-o no rosto. O verso da fotografia trazia uma anotação: *Nola e eu, Martha's Vineyard, final de julho de 1975*. Nesse instante, entusiasmado com minha descoberta, não notei a presença de Harry, que chegara da universidade antes do horário habitual: não ouvi os rangidos dos pneus de seu Corvette no cascalho da entrada de Goose Cove nem o som de sua voz quando ele entrou na casa. Não ouvi nada porque, na caixa, debaixo das fotografias, encontrei uma carta sem data. Uma letra infantil, num belo papel, dizia:

*Não se preocupe, Harry, não se preocupe comigo, darei um jeito de encontrá-lo. Espere por mim no quarto 8, gosto desse número, é o meu preferido. Espere por mim nesse quarto às 19 horas. Então, iremos embora para sempre.*

*Amo muito você.  
Com todo o meu carinho,  
Nola*

Afinal, quem era essa Nola? Com o coração disparado, comecei a vasculhar os recortes de jornal: todas as reportagens mencionavam o desaparecimento enigmático, em uma noite de agosto de 1975, de uma certa Nola Kellergan; e a Nola das fotos dos jornais correspondia à Nola das fotos de Harry. Foi nesse momento que Harry adentrou o escritório, tendo em mãos uma bandeja com xícaras de café e um prato de biscoitos, que ele deixou cair quando, empurrando a porta com o pé, encontrou-me de cócoras no tapete, com o conteúdo de sua caixa secreta espalhado a minha frente.

— Mas... O que está fazendo? — gritou ele. — Você... você está bisbilhotando, Marcus? Eu o convido para minha casa e você revira as minhas coisas? Que tipo de amigo é você?

Baluciei explicações nada convincentes:

— Apareceu na minha frente, Harry. Encontrei a caixa por acaso. Não devia ter aberto... Sinto muito.

— Não devia mesmo! Com que direito fez isso?! Com que direito, porra?

Ele arrancou as fotos das minhas mãos, recolheu os recortes de jornal e recolocou tudo misturado dentro da caixa, que levou para o quarto, onde se trancou. Eu nunca o tinha visto assim, não podia dizer se estava em pânico ou furioso. Do outro lado da porta, me atralhei com as desculpas, explicando que não quisera magoá-lo, que topara com a caixa sem querer, mas de nada adiantou. Ele só saiu do quarto duas horas mais tarde e desceu direto para a sala para virar algumas doses de uísque. Quando me pareceu um pouco mais calmo, fui a seu encontro.

— Harry... Quem é essa garota? — perguntei gentilmente.

Ele olhou para o chão.

— Nola.

— Quem é Nola?

— Não pergunte quem é Nola. Por favor.

— Harry, quem é Nola? — insisti.

Ele balançou a cabeça.

— Eu a amei, Marcus. Amei demais.

— Mas por que nunca me falou dela?

— É complicado...

— Nada é complicado para os amigos.

Ele encolheu os ombros.

— Como já encontrou as fotos, não faz muita diferença se eu contar...

Em 1975, eu havia acabado de chegar a Aurora, e me apaixonei por essa garota, que tinha apenas quinze anos. O nome dela era Nola e foi a mulher da minha vida.

Houve um breve silêncio, ao fim do qual perguntei, abalado:

— O que aconteceu com Nola?

— Uma história sórdida, Marcus. Ela desapareceu. Num noite do fim de agosto de 1975, ela desapareceu após ter sido vista por uma vizinha, sangrando. Se você abriu a caixa, com certeza viu as matérias. Nunca a encontraram, ninguém sabe o que aconteceu com ela.

— Que horror — murmurei.

Ele balançou a cabeça demoradamente.

— Sabe — desabafou ele —, Nola mudou a minha vida. E eu nem teria me importado em me tornar o grande Harry Quebert, o talentoso escritor. Teria ligado pouco para a glória, o dinheiro, meu grande destino, se pudesse ter continuado com ela. Nada do que fiz depois dela deu tanto sentido à minha vida quanto o verão que passamos juntos.

Era a primeira vez desde que o conhecera que eu via Harry tão perturbado. Após me observar por um instante, ele acrescentou:

— Marcus, ninguém nunca soube dessa história. Você agora é o único a saber. E deve guardar segredo.

— Claro.

— Prometa!

— Prometo, Harry. Será nosso segredo.

— Se alguém em Aurora descobrir que tive um caso com Nola Kellergan, isso poderia ser o meu fim...

— Pode confiar em mim, Harry.

\* \* \*

Foi tudo o que fiquei sabendo a respeito de Nola Kellergan. Não falamos mais sobre ela, nem sobre a caixa, e decidi enterrar para sempre esse episódio nos abismos de minha memória, sem nem desconfiar de que, por um acaso das circunstâncias, o fantasma de Nola ressurgiria em nossas vidas alguns meses depois.

Retornei a Nova York no final de março, após seis semanas em Aurora que em nada me ajudaram a criar meu próximo grande romance. Eu estava a três meses do prazo imposto por Barnaski e sabia que não havia mais como salvar minha carreira. Eu queimara minhas asas, estava oficialmente em decadência, era o mais infeliz e improdutivo dos escritores nova-iorquinos. As semanas foram passando: dediquei o máximo de meu tempo a preparar ardorosamente minha defesa. Arranjei outro emprego para Denise, fiz contato com advogados que poderiam revelar-se úteis quando a Schmid & Hanson resolvesse me levar à justiça e organizei uma lista de meus objetos preferidos para esconder na casa de meus pais antes que os oficiais de justiça batessem à minha porta. Quando junho começou, o mês fatídico, o mês do cadafalso, comecei a contar os dias que faltavam para minha morte artística: trinta ínfimos dias, depois uma convocação ao escritório de Barnaski com vistas à execução. A contagem regressiva tinha começado. Eu não desconfiava de que um incidente dramático iria mudar o jogo.